

# Piotr Kropotkin e o Apoio Mútuo: A solidariedade enquanto substrato fundamental da Natureza e da Sociedade

*Amir El Hakim de Paula*

da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Franca – São Paulo – Brasil

amir@ourinhos.unesp.br

---

**Resumo:** Piotr Kropotkin, importante geógrafo russo, foi um dos principais propagadores no século XIX de uma visão mais generosa do darwinismo, defendendo que o apoio mútuo era o principal fator na evolução das espécies. Assim demonstrou que a solidariedade intra e entre as espécies determinava a geração de membros melhores adaptados ao ambiente natural, negando que a competição fosse o fator predominante. Ao realizar essa importante discussão, Kropotkin asseverou em vários momentos de sua obra, de que forma a Natureza e a Sociedade estavam organizadas, procurando apontar uma das vertentes do anarquismo, o anarco-comunismo, como uma forma de organização social profundamente assentada em bases científicas. Pensar a Natureza e a Sociedade sob bases solidárias permite-nos desconstruir, ainda que no campo das ideias, que a competição seja algo inerente aos seres vivos, alçando as propostas de Kropotkin como factíveis ao mundo atual<sup>1</sup>.

**Palavras-chave:** Kropotkin. Solidariedade. Natureza. Sociedade. Apoio Mútuo.

---

## Introdução

Alguns geógrafos tendo uma carreira brilhante e de grande reconhecimento ao morrerem tiveram certo silêncio sobre sua reputação.

Isso se aplica, pelo menos, aos geógrafos anarquistas, se podemos assim chamar dois eminentes cientistas que alçaram grande sucesso na sua época, mas que hoje têm pouquíssimo reconhecimento na academia, sendo, às vezes, citado esparsamente nos cursos de história do pensamento geográfico.

Um deles, Élisée Reclus, reconhecidamente um dos principais expoentes daquilo que se chamou de Geografia Social, embora acessasse a academia como professor no final

---

<sup>1</sup> Esse artigo é parte dos resultados da pesquisa de pós-doutoramento que estamos realizando na Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia sob a supervisão do Prof. Dr. Heinz Dieter Heidemann.

de sua vida aparece em alguns periódicos de Geografia contemporânea quase sempre atrelado ao seu envolvimento com as ideias ácratas<sup>2</sup>.

Com uma importância tão grande às ciências humanas e naturais quanto ao de seu companheiro de profissão e de ideias, é estranha a tênue receptividade das ideias de Piotr Kropotkin no Brasil, ocorrendo que pouca ressonância tem seus escritos nas escolas geográficas.

Nesse sentido, é necessário apresentar uma curta biografia desse importante pensador russo.

Piotr Kropotkin nasceu em Moscou no ano de 1842, no seio de uma família nobre (Rurik) que por mais de 800 anos governou as terras russas e ucranianas.

De origem abastada, desde tenra idade, recebeu uma extensa formação cultural, fortemente influenciada pela realeza francesa. Aos 12 anos entrou pelas mãos do próprio Czar Nicolau I no respeitado Corpo de Pajens, escola militar de grande prestígio.

Depois de formado, Kropotkin seguiu a carreira militar sendo enviado à região do Rio Amur, na Sibéria, ainda pouco conhecida cartograficamente pelo governo russo.

A partir dessas pesquisas, Kropotkin teve o reconhecimento da Sociedade Geográfica Russa recebendo tanto uma medalha de ouro quanto a própria chefia da área de Geografia Física dessa prestigiada entidade.

O interessante é que ao tomar contato com a vida selvagem das áreas mais inóspitas da Sibéria o geógrafo russo percebeu que muito da leitura realizada da obra de Charles Darwin<sup>3</sup> não parecia ter alguma relação com que ele encontrava nas taigas dessa região.

Uma das questões mais importantes referia-se a chamada "sobrevivência do mais capaz", transformada como uma lei por aqueles que defendiam abertamente o sistema capitalista.

Aos poucos Kropotkin compreendia que predominava nas regiões mais geladas do planeta outro tipo de sobrevivência entre as espécies animais e vegetais.

---

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, o caso da revista Herodote que em seu número 22 no ano de 1981 consagrou um número especial ao geógrafo francês com o título de "Élisée Reclus, geógrafo libertário". No Brasil temos o Boletim Paulista de Geografia número 50, de 1976, no qual Aroldo de Azevedo, mesmo tecendo vários elogios ao trabalho do geógrafo francês, acentuou em diversos momentos desse trabalho a opção revolucionária e anarquista do geógrafo francês.

<sup>3</sup> Como demonstra Woodcock (1978, p.79) "[...] sus observaciones sobre la vida animal despertaron considerables dudas tanto en Kropotkin como en Poliakov respecto a la insistencia de Darwin en la lucha por la vida como factor de evolución, proporcionando así los primeros datos sobre los que Kropotkin elaboraría más tarde su propia teoría de la evolución basada en el apoyo mutuo."

Ao invés de uma sobrevivência baseada na vitória do mais capaz, para o geógrafo russo o que mais aparecia nas suas pesquisas realizadas era a ajuda entre os animais, principalmente nos indivíduos de uma mesma espécie, que assim conseguiam levar vantagem sobre os seus "inimigos" naturais.

Nesse sentido, nesse artigo procuramos demonstrar de que forma o pensamento de Kropotkin divergia do modelo científico predominante no século XIX, visto que o autor em questão defendia abertamente os princípios anarquistas.

### **Natureza e Sociedade: Conceitos fundamentais na visão kropotkiniana de mundo**

Um momento importante na obra de Kropotkin e que tem sintonia com os principais debates na ciência geográfica ocorre quando ele procura apresentar a sua concepção de Natureza, Sociedade e a relação entre as duas.

O século XIX é prenhe de novas concepções científicas (como o evolucionismo darwinista), marcando um período no qual alguns intelectuais influenciados pela *Origem das Espécies*, procuram apontar conceitos sobre a Natureza e a Sociedade quase sempre ligados aos aspectos anti-solidários presentes na obra do naturalista britânico.

Um dos principais cientistas desse período e grande entusiasta da obra darwiniana, Thomas Huxley, teria um papel importante na divulgação de algumas dessas ideias, quase que totalmente vinculadas a um paradigma competitivo.

Embora os gritos operários trouxesse um intenso questionamento ao sistema econômico pautado na exploração humana, nos meios intelectuais, principalmente àqueles ligados aos círculos e sociedades científicas, um movimento de defesa de uma sociedade desigual enquanto um processo natural ganha enorme respeitabilidade.

Lutar contra uma parcela da intelectualidade britânica influenciada por esse espírito beligerante era para Kropotkin uma forma de apontar os equívocos ocasionados por essa visão limitante dos pressupostos darwinistas. Mais ainda, demonstrar que, ao contrário do que se pensava, era o apoio mútuo e não a luta pela sobrevivência que moldava as relações entre os animais (inclusive o Homem), gerando pra si uma postura extremamente crítica daqueles que, como Huxley, defendiam a rivalidade e o egoísmo como motes principais.

Ao pontuar uma nova forma de compreender a natureza e a sociedade, Kropotkin inseria nesse debate, quase todo ele ligado aos aspectos mais próximos da dinâmica do

capital, perspectivas que se referenciavam à classe mais espoliada dentro do sistema capitalista: os operários.

Por meio de artigos e posteriormente sua obra magna *O Apoio Mútuo*, questionava a tão propalada naturalidade do liberalismo econômico (defendida por unhas e dentes por vários intelectuais como Spencer) e apontava a solidariedade como um fator preponderante na evolução dos seres vivos.

Mais do que isso, apresenta o anarquismo, ainda visto por grande parte desses intelectuais como uma quimera social, com um corpo de ideias dinâmico, descentralizado e, principalmente, científico.

E, contra aqueles que compreendiam o anarquismo como um projeto niilista de sociedade<sup>4</sup> propõe o anarco-comunismo, a formação de uma sociedade gestada por produtores e consumidores, que em trocas igualitárias, fundariam uma nova sociedade sem moeda e salários.

O anarquismo tendo como principal fundamento de base o apoio mútuo, se contraporia à luta sangüinária e de extrema competição propalada pelos defensores da economia de mercado.

Criticar a luta pela sobrevivência e defender o apoio mútuo enquanto principal fator de evolução era uma maneira de reafirmar o anarco-comunismo como uma ideia social de base científica. Mais do que um fator qualquer, a solidariedade entre os seres vivos não era um apelo societário, mas o instinto que contribuía para que todos os seres vivos evoluíssem e gerassem descendentes.

É desta forma que compreendemos a construção do pensamento anarquista de Kropotkin. E, é assim também, que, para nós, ele busca defender a supremacia do apoio mútuo sobre qualquer outro fator evolucionário.

Partindo dessa percepção (a procura de uma base científica ao anarquismo e no apoio mútuo enquanto base social do anarco-comunismo), é que analisaremos as asseverações de Kropotkin acerca da Natureza e da Sociedade.

Kropotkin tem um objetivo muito claro: procurar uma base científica que dê suporte tanto aos processos naturais quanto aos sociais, e, assim, apresentá-los de uma forma que não fossem ridicularizados em um ambiente acadêmico muito influenciado pelo positivismo.

---

<sup>4</sup> Não podemos esquecer que na década de 1890, com os ataques a bomba impetrados por vários anarquistas (Ravachol, Emile Henry) a visão do anarquista sempre esteve ligado a um ser humano violento, sinistro e egoísta, como no caso da obra de Emile Zola, *O Germinal*.

E esse papel de divulgador científico, seja como palestrante, debatedor, escritor, só tem alguma ressonância nos meios acadêmicos se as ideias debatidas tiverem um substrato metodológico aceito.

O respeito que as sociedades organizadas da sociedade civil tinham por Kropotkin ocorria também porque era claro a preocupação dele em não ser visto como um mero adepto das ideias anárquicas.

Embora não separando o papel de militante do de cientista (é claro isso ao analisarmos os artigos e livros que ele trata da natureza e da sociedade) é evidente também que ele não queria que um desses aspectos se destacasse ao ponto de ofuscar o outro.

Manter o equilíbrio entre ser anarquista e cientista parece ser um ponto chave para ele. Isso não significa que em momentos específicos a visão do cientista era sobrepujada pela do anarquista, quando o seu papel como principal ideólogo vivo do anarquismo exigia dele uma postura diferenciada.

Isso ocorria, principalmente, quando escrevia artigos aos periódicos próximos à classe operária, opinando sobre um fato específico (Imperialismo, por exemplo) <sup>5</sup> ou quando fazia apelos aos trabalhadores do mundo para ajudar o processo revolucionário de 1905 na Rússia.

Afora esses momentos específicos, Kropotkin era um geógrafo que desenvolvia uma teoria social que não deveria estar apoiada em apelos emocionais, mas demonstrada pelas metodologias de análise correntes no século XIX, como o positivismo<sup>6</sup>.

Esse método científico, que se contrapunha aos pressupostos religiosos e metafísicos, tão usual entre os acadêmicos do século XIX, era usual entre os acadêmicos do século XIX e junto com a dialética serial davam suporte às análises sobre natureza e a sociedade.

Nessa busca por um saber acadêmico, o nosso autor construía uma metodologia para apresentar as suas ideias, pontuando a presença do apoio mútuo nas relações entre os animais e nos homens. Ou seja, o apoio mútuo não era uma percepção de um amante das ideias ácratas.

Ele existia e era parte essencial na evolução das espécies, contribuindo de forma soberana para que tanto os animais quanto os outros seres vivos conseguissem gerar descendentes aptos e capazes de sobreviver nas diversas regiões do planeta.

---

<sup>5</sup> Ver, entre outros, *Wars and Capitalism*, de 1914, traduzido e publicado na revista *Geographia*, Vol.16, n.32 de 2014.

<sup>6</sup> Mais detalhes ver: ANDRADE (2008, p.93)

Conseguir demonstrar isso era essencial na construção do pensamento kropotkiniano, visto que propiciaria tanto uma visão mais generosa da natureza (se contrapondo aos pressupostos huxleyianos) quanto transpor o anarco-comunismo ao rol de teorias humanas comprovadas cientificamente.

Um dos autores que discutiu as ideias de Kropotkin sobre a Natureza foi Bob Galois, docente da *Simon Fraser University*. A partir de seu estudo sobre o conceito de Natureza em Kropotkin, discutiremos de que forma essas análises contribuem também para uma melhor compreensão do papel das sociedades humanas na obra do geógrafo russo.

Segundo Galois (1976) a visão de Natureza de Kropotkin se divide em três concepções principais:

- a) Uma visão orgânica ou holística
- b) Histórica
- c) Espontânea

A visão orgânica ou holística tem como pressuposto a influência que ele recebe dos pensadores gregos e dos escritores e poetas românticos. Nela, existe uma cooperação e interdependência entre os seres vivos. Como diz Galois (1976, p.05): “These are, in brief, that man is a part of nature and so both subject to, and a participant in, the same processes which are operative in the rest of nature”<sup>7</sup>.

Essa visão se contrapõe ao modelo padrão existente nas fábricas inglesas e que lentamente vai sendo transferido para toda a sociedade: a divisão do trabalho.

Como o próprio Kropotkin (1975, p.99) afirma: “É preciso voltar ao que a biologia chamaria 'integração de funções'. Depois de dividido o trabalho é necessário 'integrá-lo'. Tal é a marcha seguida em toda a Natureza”.

Ao pontuar o necessário retorno a um padrão natural de inter-relação da Natureza, ele entende que todos os seres vivos estão intrinsecamente integrados, em uma cooperação ambiental de tal nível que a destruição de uma parte resulta em graves consequências ao todo.

Desta forma, condena a atomização constante que existe na sociedade capitalista, no qual a luta pela sobrevivência leva a um egoísmo extremado.

---

<sup>7</sup> Resumindo, o homem é parte da natureza, sendo sujeito e participante ativo do mesmo processo que é funcional no resto da Natureza. Tradução livre de Amir

Compreender a Natureza como algo integrado, orgânico, como se fosse uma única força, onde tudo e todos estariam necessariamente interligados, promove uma concepção contrária àquela predominante em sua época.

E, ao declarar que a Natureza é constituída por um processo predominantemente solidário, ele quer demonstrar a irracionalidade do sistema industrial do século XIX e, em contrapartida, argumentar que é "natural" ser solidário, altruísta e tantos outros adjetivos ligados ao apoio mútuo e reafirmados pelo anarco-comunismo.

Nesse sentido, procura apontar a presença de uma moral solidária dentro da Natureza que se contraponha a moral competitiva.

O surgimento dessa moral se dá de forma espontânea, visto que é a ação direta do meio ambiente nos seres vivos que vai exigir inúmeras formas de agregação entre eles.

Ao apontar um papel moral na Natureza, Kropotkin desloca das sociedades humanas o papel de construtoras e considera-as como copartícipes de um processo já existente.

Desta forma o protagonismo deixa de ser do Homem e ele passa a ser parte integrante (e não necessariamente a principal) de um processo de constituição de uma ordem natural.

Essa moral, que vai se consolidando, precede a existência humana. Como afirma Padovan (1999, p.04): "Thus, in Kropotkin's view, Nature did not automatically offer lessons in amoralism, rather it offered a much more precise notion of good and evil, clear reasoning on the supreme good that every code of Ethics have followed up<sup>8</sup>".

Embora advogue uma Natureza harmônica, é factível, por meio das leituras dos vários artigos, que o geógrafo anarquista assevera inúmeras vezes o poder da ação da Natureza sobre os seres vivos, sendo essa ação direta o principal fator evolutivo, desenvolvendo indivíduos capazes de sobreviver e gerar prole, alçando para um segundo plano, a tese darwinista da seleção natural.

Como ele próprio afirma: "The forms of animals, their colour, their skin, their skelectons, all their habits are easily modified as soon as the animal's food and the

---

<sup>8</sup> Deste modo, na visão de Kropotkin, Natureza não oferece automaticamente lições em amoralismo, melhor ela oferece uma precisa noção de bem e mal, um raciocínio claro sobre o bem supremo que cada código de ética deveria seguir. Tradução livre de Amir.

general conditions of its existence and its biological surroundings are altered<sup>9</sup>” (KROPOTKIN, 1912, p.511).

Ao representar a Natureza com um papel mais ativo, determinante, inclusive, na configuração interna e externa das espécies existentes, ele não nega que esse papel altruístico possibilita uma necessária adaptação dos seres vivos.<sup>10</sup>

Outra visão importante de Natureza em Kropotkin, segundo Galois (1976) é a visão histórica.

Para Galois (1976), Kropotkin trabalha com uma visão histórica evolucionária, na qual a organização societária surge antes da própria organização humana em sociedade. Ela tem um quadro evolutivo, partindo do estágio primitivo e culminando em uma sociedade estatal. Embora, a princípio, esse movimento pareça ser linear, o método de análise desse processo, segundo esse mesmo autor, é o método dialético proudhoniano ou serial.

Sobre a proposta dialética serial, Pelletier (2011, p.16) afirma que,

Proudhon, ao desenvolver sua dialética serial, ressaltou perfeitamente a importância das contradições no movimento histórico (reação/revolução, autoridade/liberdade) e do equilíbrio dinâmico, entre forças eternamente opostas.

No caso específico de Kropotkin, o uso desse par dialético sem a formação de uma síntese (como ocorre na dialética hegeliana e na marxista) possibilita explicar o processo de constituição da própria humanidade, iniciando com o surgimento de um Homem ainda em estado de natureza, com uma relação quase simbiótica com o ambiente, chegando à contemporaneidade, quando do surgimento e constituição de cidades e complexas organizações societárias.

O ponto nevrálgico dessa dialética serial é que a evolução humana tem como processo histórico um confronto entre a cooperação e a competição, sendo que quando a primeira fase predomina, surge uma organização social equilibrada e harmônica com o ambiente, holística, o que propicia a formação de sociedades comunais e com ampla liberdade; e no segundo caso, quando o que predomina é a competição, a luta pela sobrevivência leva a uma visão na qual a Natureza é encarada como um recurso mercantil

---

<sup>9</sup> As formas dos animais, suas cores, suas peles, seus esqueletos, todos seus órgãos e seus hábitos são modificados facilmente conforme muda o alimento desses animais, bem como, as condições ambientais de sua existência. Tradução livre de Amir

<sup>10</sup> Posteriormente, em um capítulo aparte, teceremos as nossas críticas aos vários pressupostos defendidos pelo autor.

e por isso sujeita a uma dilapidação constante, propiciando a aparição de uma sociedade autoritária e hierarquizada que tenha o Estado como seu ponto culminante.

Argumentando então que ambos os fatores são inerentes à evolução, o que determina a predominância de um desses aspectos basilares da Natureza nas sociedades humanas é a escolha dos seus componentes pela cooperação ou pela competição. Se o egoísmo e a ganância predominarem, o espírito social será dominado pelos aspectos competitivos; já, se ocorrer o contrário, e o altruísmo e a solidariedade se sobreporem, a cooperação será o eixo determinante.

Pensando assim, Kropotkin procura dar uma explicação científica em aspectos que comumente são vistos e compartilhados como essencialmente humanos.

Embora compreenda a existência da cooperação e da competição enquanto instintos naturais, não se furta a defender uma deles.

Evitad la competencia! Siempre es dañina para la especie, y vosotros tenéis abundancia de medios para evitarla. Tal es la tendencia de la naturaleza, no siempre realizabe por ella, pero siempre inherente a ella. [...] He aquí lo que nos enseña la naturaleza; y esta voz suya la escucharon todos los animales que alcanzaron la más elevada posición en sus clases respectivas. A esta misma orden de la naturaleza obedeció el hombre - el más primitivo- y sólo debido a ello alcanzó la posición que ocupa ahora (KROPOTKIN, 1989, p.100-101).

Como anteriormente na discussão sobre a concepção holística, percebemos aqui mais uma vez uma preocupação científica de nosso autor em justificar um ou outro modelo societário.

Não podemos esquecer que nesse período a defesa intransigente de Huxley de uma sociedade guiada pelos princípios mais egoístas também procurava se basear em afirmações comprovadas cientificamente.

Discutir a Natureza e, por consequência, a Sociedade pelo método dialético serial, tem como princípio destacar que uma tendência que já estava presente na Natureza (cooperação ou competição) transformou-se em instância humana conforme a própria evolução histórica.

Não é a toa que Kropotkin, mesmo que procurando livra-se de concepções metafísicas, em vários momentos faz afirmações sem muita acurácia científica, algo muito caro ao nobre geógrafo: Man did not create society; society existed before man.<sup>11</sup>(Kropotkin apud GALOIS, 1976, p.07)

O Homem aprendeu com a Natureza a ser solidário. A solidariedade não é uma construção forjada pelo conhecimento humano.

---

<sup>11</sup> O Homem não criou a sociedade; ela existia antes dele. Tradução livre de Amir

A solidariedade, como a competição, existe na Natureza. O dado que muda a partir de então (surgimento do Homem moderno) é que essas práticas sociais determinarão que as sociedades evoluam mais equilibradas ou não.

Pensando um pouco mais nessas análises, Galois (1976) apresenta outro aspecto constante na concepção de Natureza (e, por conseguinte, na de Sociedade) de Kropotkin: a espontaneidade.

Antes de adentrarmos ao debate propriamente dito, é importante ressaltar que os anarquistas quase sempre são vistos como espontaneístas<sup>12</sup>.

O espontaneísmo pode ser analisado enquanto voluntariedade sem nenhum planejamento, mas também enquanto uma prática individual que não se sujeita, pura e simplesmente, a uma opinião coletiva.

Nesse último caso, o que entendo mais apropriado ao anarquismo, compreende-se o caráter espontâneo enquanto necessário para se contrapor a qualquer predomínio de uma ideia ou tipo de ação externa.

O anarquismo entende o espontaneísmo enquanto a ação de indivíduos que desejam colaborar em uma determinada ação, onde se garanta a liberdade e a autonomia de cada um.

Para Kropotkin, além disso, a liberdade individual só é válida se todos são livres. Caso contrário, teremos a liberdade predominante na sociedade capitalista, o que significa estar submetido a algum tipo de tirania (política ou econômica).

Ao defender o espontaneísmo, acreditava que nenhuma teoria revolucionária seria construída a partir de doutos sábios, que em seus escritórios bem confortáveis imaginariam um método de análise capaz de ser totalmente eficiente, sem ao menos ter sido colocado, pelo menos, uma única vez em prática.

Nessa perspectiva, criticava a crença em uma metodologia científica que não tivesse nenhum tipo de contato com a realidade externa, correndo o sério risco de transformar-se em um dogma.

Em todo o caso, o que espontaneamente surgisse sob a pressão das necessidades imediatas, seria infinitamente preferível a tudo o que se pudesse inventar entre quatro paredes, no meio de alfarrábios ou nas secretarias governamentais (KROPOTKIN, 1975, p.84).

O espontaneísmo para Kropotkin se enquadra na defesa do entusiasmo revolucionário, presente, segundo ele, na Revolução Francesa, o que possibilitou o

---

<sup>12</sup> Um dos autores que discutem o anarquismo tendo o espontaneísmo enquanto uma tática de ação é Norberto Bobbio. Mais detalhes ver: BOBBIO (2011).

surgimento de diversas práticas libertárias dentro de um processo que historicamente fica, quase sempre, restrito às disputas entre girondinos e jacobinos.

No que tange ao espontaneísmo da Natureza, Galois (1976) aponta que Kropotkin defende uma Natureza que age espontaneamente, apontando para a possibilidade do surgimento de uma concepção irracional que se chocaria com toda a discussão científica do geógrafo russo.

Embora pareça paradoxal a defesa de uma Natureza espontânea, fato esse comum em vários trabalhos que discutem a ação direta do ambiente nos seres vivos, fica claro que para o geógrafo a Natureza, como vimos, tem um papel moral e não apenas instintivo.

Ainda que não consiga explicar satisfatoriamente o surgimento dos instintos naturais, é clara a defesa dele da supremacia dos instintos sociais sobre estes, pelo menos entre os animais gregários.

Compreende-se desta defesa que o fato social é parte constituinte do instinto e influencia este último de maneira muito significativa. Logo, a irracionalidade que faz menção Galois (1976), não significa novamente espontaneísmo no sentido voluntarioso que a palavra possa dar significado, mas que o instinto animal tem como base uma anterior capacidade da Natureza em se autopreservar por meio da cooperação entre as espécies.

Caso contrário, a luta sanguinária deflagraria uma completa destruição do ambiente natural, o que levaria a uma inexorável extinção da vida.

Pode parecer contraditório aceitar isso, como bem lembrou Galois (1976), pela defesa intransigente de Kropotkin da ciência, contra o misticismo religioso e as prerrogativas metafísicas.

Para nós, transparece a partir da análise kropotkiniana, uma Natureza espontânea no sentido de livre, soberana, autônoma e não como alguns que defendiam preceitos religiosos, principalmente cristãos, como resultado do trabalho de algum ser divino<sup>13</sup>.

Não se pode chamá-la de racional, pois não precede a existência de um deus. E, espontânea, pode gerar a ideia de voluntariosa. Como vimos no início dessa discussão, para os anarquistas (e Kropotkin se inclui obviamente) a ideia de espontaneidade vai muito mais além do que uma vida sem objetivo.

---

<sup>13</sup> Para mais detalhes ver os debates entre Thomas Huxley e o Arcebispo de Canterbury. In: Hesketh, Ian. *Of Apes and Ancestors: Evolution, Christianity, and the Oxford Debate*. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

Não é então pelo acaso que Kropotkin defenda ainda uma moral na Natureza, baseada na cooperação e na solidariedade. E, que a solidariedade entre os seres humanos tem como referência o compartilhamento praticado pelos outros animais e como essa ação poderia ser decisiva na sobrevivência do grupo.

Primitive man saw, next, that even among the carnivorous beasts, which live by killing other animals, there is one general and invariable rule: They never kill each other. Some of them are very sociable - such are all the dog tribe: the jackals, the dholes or kholzun dogs, the hyenas (KROPOTKIN, 1905, p.420)<sup>14</sup>.

Analisando essas prerrogativas do pensamento do geógrafo russo, percebemos que os aspectos constantes na sociedade são, em grande parte, adquiridos por meio da experiência pretéritos ocorridos ainda no ambiente natural.

E, então para Kropotkin (1989, p. 32)

De ningún modo me guía el amor hacia el dueño de una determinada casa- a quien muy a menudo ni siquiera conozco - cuando, viendo su casa presa de las llamas, tomo un cubo con agua y corro hacia ella, aunque no tema por la mía. Me guía un sentimiento mas amplo, aunque es más indefinido, un instinto, más exactamente dicho, de solidaridad humana; es decir, de caucion solidaria entre todos los hombres y de sociabilidad. Lo mismo se observa tambien entre los animales. No es el amor, ni siquiera la simpatia (comprendidos en el sentido verdadero de estas palabras) lo que induce al rebaño de rumiantes o caballos a formar un circulo con el fin de defenderse de las agresiones de los lobos; de ningún modo es el amor el que hace que los lobos se reúnan en manadas para cazar; exactamente lo mismo que no es el amor que obliga a los corderillos y los gatitos a entregarse a sus juegos, ni es el amor lo que junta las crias otoñales de las aves que pasan juntas días enteros durante casi todo el otoño. [...] Aquí entra el instinto de sociabilidad, que se ha desarrollado lentamente entre los animales y entre los hombres en el transcurso de un periodo de evolución extremadamente largo, desde los estadios mas elementares, y que enseño por igual a muchos animales y hombres a tener conciencia de esa fuerza que ellos adquieren practicando la ayuda y el apoyo mutuos, y tambien a tener consciencia del placer que se puede hallar en la vida social.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> O homem primitivo via que mesmo entre as bestas carnívoras, que sobreviviam matando outros animais, havia uma regra geral e invariável. Eles nunca se matam. Algumas delas são bastante sociáveis - casos de todas as tribos caninas: os chacais, os cães selvagens e as hienas. Tradução livre de Amir

<sup>15</sup> De nenhum modo seria guiada pelo amor até o dono de uma determinada casa - a quem nem sequer conheço - quando vendo sua casa em chamas pego um balde de água e corro em direção á ela, sendo que não temo pela minha. O que me leva lá é um sentimento mais amplo, indefinido, um instinto, mas corretamente falando, de solidariedade humana; quer dizer, de preocupação solidária entre todos os homens e a sociedade. O mesmo se observa também entre os animais. Não é o amor nem sequer a simpatia (compreendidos no sentido verdadeiro destas palavras) o que induz o rebanho de ruminantes ou cavalos a formar um círculo com o intuito de defender-se das agressões dos lobos; de nenhuma maneira é o amor o que faz que os lobos se reúnam em manadas para caçar, exatamente o mesmo que não é o amor que obriga aos cordeiros e os gatinhos entregar-se aos jogos, nem é o amor o que agrega os filhotes de outono das aves que voam juntas dias inteiros durante quase todo outono. [...] Aqui entra o instinto de sociabilidade, que tem-se desenvolvido lentamente entre os animais e entre os homens no transcurso de um período de evolução extremamente grande, desde os estágios mais elementares e que ensinou igualmente animais e homens a terem consciência dessa força que eles adquirem praticando a

Disto deriva que as escolhas têm relação direta com as situações vivenciadas pelos agrupamentos humanos na Natureza, que aprendendo a sobreviver em um ambiente hostil de forma cooperativa, legaram às gerações posteriores os frutos desta cotidianidade.

O apoio mútuo aparece também aqui como uma expressão instintiva de sobrevivência e de alteridade. Em uma situação limite, o espírito dominante é aquele de ajuda ao próximo.

Compreender a solidariedade como algo instintivo é se contrapor aos valores dominantes de uma sociedade que gera desigualdades entre os indivíduos.

Kropotkin sabia disso. Por isso a sua batalha científica buscando uma coerência entre a defesa dos princípios sociais defendidos pelos anarquistas com um modelo solidário dominante nas ciências naturais.

Ao tentar coordenar as duas instancias (social e natural), procura apresentar a sociedade como intrinsecamente ligada aos aspectos naturais, e que os seres humanos não constroem valores dissociados de suas prerrogativas instintivas.

O instinto natural como promotor de valores humanos. A sociedade como parte importante da Natureza. Logo, condena a separação que o próprio capitalismo engendra ao transformá-la em recursos naturais a serem consumidos.

Contrário à proposta de separação entre o homem e a Natureza, necessária a própria formação metabólica capitalista, Kropotkin reafirma a máxima reclusiana de integração, calcada na hipótese de que o homem é a Natureza adquirindo consciência de si próprio.

Essa proposta de análise que tem como base metodológica a defesa da solidariedade contra a competição não pode ser totalmente legada ao geógrafo russo, mas, com certeza, sua explicação a partir de pressupostos anarco-comunistas trouxe ao ambiente social e científico um novo paradigma.

O anarco-comunismo enquanto um processo social construído sob bases identificáveis na própria constituição da Natureza.

Logo, os "instintos" sociais, sejam competitivos ou não, possuem um referencial natural e não são apenas formulações humanas que no processo histórico vão sendo elaboradas.

Não se trata de negar a intencionalidade humana. Nem mesmo apontar o Homem subordinado aos caprichos da Natureza.

Acreditar que essa é a conclusão de Kropotkin sobre o par Natureza e Sociedade levar-nos-ia a obliterar toda uma luta cotidiana por ele empreendida contra o sistema socioeconômico predominante naquela época (até hoje) que condiciona a maior parte da humanidade a uma vida alienada.

Ao sugerir as sociedades humanas e de outros animais gregários como "portavozes" de um modelo de organização comunal e solidária, o geógrafo analisa a relação entre o natural e o social não mais dissociados, aceitando como válida o entendimento de que as ações e intencionalidades da sociedade são partes constituintes da natureza.

Nesse sentido pode ser um erro analisar as propostas dele sobre o apoio mútuo em separado, como se a natureza e a sociedade fossem duas instâncias sem nenhum contato.

Diríamos parafraseando Reclus novamente que a sociedade é a natureza consciente. Os instintos naturais ganham outra dimensão nos homens, ao propiciarem, a possibilidade da vida humana nas várias regiões do planeta.

Sendo a consciência da natureza, a humanidade separa-se da vida errática permanente nos outros seres vivos, que ao não possuírem a capacidade de apreenderem o processo a que estão presos, não ousam libertarem-se e reelaborarem os instintos em novas roupagens.

Tornar instintos naturais em práticas sociais capazes de permitir a construção de uma sociedade mais complexa, onde a natureza é transformada e reelaborada.

A solidariedade deixa de ser um dado natural e transforma-se em um valor intrínseco e necessário ao homem. Não mais permeia a vida animal como um fantasma, mas como um fator da própria evolução humana.

Assim Kropotkin procura reafirmar toda a sua crença em uma sociedade mais harmônica e libertária.

Entretanto, não sendo o único fator evolutivo, precisa ser estimulado e preservado continuamente, combatendo os outros fatores ligados ao egoísmo frio e calculista.

Uma tarefa primordial surge para que a opção pelo apoio mútuo torne-se concretizada: a educação das crianças.

Combater a escola estatal e a religiosa, será também uma das preocupações do nosso geógrafo. Mais do que isso, discutirá como o ensino de Geografia pode não apenas propagandear de preconceitos e tornar-se agradável aos pupilos.

Aproximando-se da postura de Godwin que a via a educação como um dos pilares da transformação do homem, Kropotkin vai se preocupar em defender a formação de escolas mais democráticas, contribuindo também para que a Geografia tenha uma estrutura (didática e teórica) mais crítica.

### **Considerações Finais**

Os estudos que discutem a obra de Piotr Kropotkin ainda são escassos no temário geográfico. Isso se explica pela pouca presença de artigos e livros desse autor como obras de referência, muito embora ele tenha se dedicado quase 40 anos de sua vida em pesquisas que perpassassem por vários ramos das ciências humanas, inclusive a Geografia.

Nesse artigo focamos em como Kropotkin, ao se utilizar de sua concepção sobre a evolução dos seres vivos calcada no apoio mútuo, discutiu a constituição da Natureza e da Sociedade.

Percebe-se que pelas pesquisas empreendidas, sobre as sociedades humanas ou não, o geógrafo russo constrói uma visão de mundo muito peculiar e, principalmente, contrária àquela dominante no século XIX, quase toda ela pautada na competição desmedida no qual os mais fortes sobreviveriam.

Sendo uma das maiores expressões intelectual daquilo que se convencionou chamar-se de anarco-comunismo, ele percebeu que aquilo que defendia para o surgimento de uma mais justa organização dos homens e mulheres, buscando a constituição de uma sociedade fraterna, tratava-se também da base de todas as organizações dos seres vivos, em especial nos animais gregários.

Ao defender que o apoio mútuo não era apenas uma questão de escolha, mas sim um traço comum aos animais, Kropotkin procurava dar uma base científica ao anarco-comunismo, demonstrando-o como uma forma de organização calcada em princípios totalmente verificáveis, não uma quimera social.

Se para alguns teóricos do darwinismo, caso de Huxley, o mote da luta pela sobrevivência enquanto fator de evolução naturalizava a sociedade capitalista com as suas mazelas e injustiças sociais, a defesa intransigente do apoio mútuo feita pelo geógrafo russo tentava se contrapor à esse modelo excludente.

O que o artigo permite visualizar é que não existe necessariamente uma separação abissal entre a Natureza e a Sociedade. Uma é parte integrante da outra. Mais do que isso, a presença da solidariedade expressa em ambas pode significar que o apoio mútuo

não é apenas um traço social humano, mas um processo natural que se desenvolveu conforme a evolução das espécies avançava.

Independente de concordarmos com todas as afirmações de Kropotkin constantes nesse trabalho, é evidente que a percepção anarquista deste geógrafo sobre a Natureza e a Sociedade trouxe para o debate científico um importante contraponto, procurando minimizar a defesa de uma sociedade pautada no salve-se que puder.

Se como ele imaginava, a Sociedade e a Natureza estão interligadas também por um processo de constituição (é importante frisar que ele nunca negou a existência de uma competição entre os animais de espécies diferentes) baseado na solidariedade entre os membros, cabe aos seres humanos enxergarem que a competição está longe de ser o único vetor "natural".

Com isso, ficaria cada vez mais evidente que a lógica social dominante impõe a todos uma forma de compreender o mundo muito ainda ligado aos interesses daqueles que são os donos do poder.

Sendo assim, para Kropotkin, cabe aos dominados de todos os tipos (social, econômico, cultural, etc) se apropriar verdadeiramente de uma ideia baseada em princípios que contribua para a construção de uma sociedade mais humana, por isso fraterna e democrática.

---

#### **Piotr Kropotkin and Mutual Aid: The solidarity as fundamental base of Nature and Society**

**Abstract:** Piotr Kropotkin, prominent Russian geographer, was one of the main propagators in the 19th century a more generous view of Darwinism, arguing that mutual aid was a major factor in the evolution of species. Thus he demonstrated that intra and inter species determined the best generation members adapted to the natural environment, negating that the competition was the predominant factor. In carrying out this important discussion, Kropotkin asserted at various times in his work, how nature and society were organized, trying to point out one of the anarchism aspects, anarcho-communism as a form of deep-seated social organization on a scientific basis. To think the Nature and the Society in solidarity bases enables us to deconstruct, even in the realm of ideas, that the competition is inherent to living beings, raising the Kropotkin's proposals as feasible to the current world.

**Keywords:** Kropotkin. Solidarity. Nature. Society. Mutual Aid.

---

## **Referências**

ANDRADE, Manoel Correa de. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Recife. Editora da UFPE, 2008.

BOBBIO, Norberto et all. **Dicionário de Política**, Vol1. Brasília: Editora da UNB, 2011.

GALOIS, Bob. **Ideology and the idea of Nature: The case of Peter Kropotkin**. Antipode, Vol.8, Issue 3, p.1-16, 1976.

KROPOTKIN, P. **Em torno de uma vida - Memórias de um revolucionário**. Tradução de Livio Xavier e Berenice Xavier. Livraria José Olympio, 1946, 472p.

\_\_\_\_\_. **A conquista do Pão**. Trad: Manuel Ribeiro. Lisboa, Guimarães Editores, 1975, 269 p.

\_\_\_\_\_. **Apoio Mútuo- um fator de evolução**. Trad: Dinah de Abreu Azevedo, Editora Deriva, 2012, 285p.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre educação e geografia**. São Paulo: Editora Terra Livre, 2014.

\_\_\_\_\_. **El apoyo mutuo**. Cali: Ediciones Madre Tierra, 1989.

\_\_\_\_\_. **The ethical needs of the present day**. The Nineteenth Century and After, 51, p. 207-226, 1902.

\_\_\_\_\_. **The Coming Anarchy**. The Nineteenth Century and After, August, p. 149-64, 1887.

\_\_\_\_\_. **The Scientific Basis of Anarchy**. The Nineteenth Century and After, 283, p. 238-58, 1887

\_\_\_\_\_. **On the Teaching of Physiography**. Geographic Journal, vol. 2, p. 350-359, 1893.

\_\_\_\_\_. **Sobre o ensino da Fisiografia**. Revista Território Autônomo, nº1, 2012, p.69-81. Tradução: Eduardo de Oliveira Rodrigues e Urubatan Nery.

\_\_\_\_\_. **The Morality of Nature**, The Nineteenth Century and After, 58, p. 407-426, 1905.

\_\_\_\_\_. **Direct Action of Environment and Evolution**. The Nineteenth Century, 85, p. 70-89, 1919.

\_\_\_\_\_. **The theory of evolution and mutual aid**. The Nineteenth Century, 67, p.86-107, 1910.

\_\_\_\_\_. **The scientific bases of anarchy**. The Nineteenth Century, pp.238-252.

\_\_\_\_\_. **Inheritance of acquired characters**. The Nineteenth Century and After, 71, p.511-531, 1912.

\_\_\_\_\_. **Anarchist communism, its basis and principles**. London, Freedom pamphlets no. 4, 1909.

\_\_\_\_\_. **Anarchism.** *The Encyclopaedia Britannica*, 11th edition, 1910.

\_\_\_\_\_. **The Theory of Evolution and Mutual Aid,** *The Nineteenth Century and After*, 67, January, p. 86-107, 1910.

\_\_\_\_\_. **The Direct Action of Environment on Plants,** *The Nineteenth Century*, 68, p. 58-77, 1910.

\_\_\_\_\_. **The Response of the Animals to Their Environment Part 1,** *The Nineteenth Century*, 68, p. 1046-1059, 1910.

\_\_\_\_\_. **The State: Its Historic Role.** London: Freedom Press, 1911.

\_\_\_\_\_. **Modern Science and Anarchism.** London: Freedom Press, 1912.

\_\_\_\_\_. **Theoretic Difficulties,** *The Nineteenth Century and After*, 71, p. 511-563, 1912.

\_\_\_\_\_. **Inherited Variation in Plants,** *The Nineteenth Century*, 74, p. 816-886, 1912.

\_\_\_\_\_. **Inherited Variation in Animals,** *The Nineteenth Century*, 78, p. 1124-1144, 1915.

\_\_\_\_\_. **The Wage System.** Freedom Pamphlets. No 1, New Edition, 1920.

\_\_\_\_\_. **Ethics: Origin and Development,** George G. Harrap & Co., Ltd, 1924.

MOREIRA, RUY. **As Novas Noções do Mundo do Trabalho.** *Programas e Resumos do XII ENG – Os Outros 500 na Formação do Território Brasileiro.* Florianópolis, AGB, pp.52-60, 2000.

PADOVAN, Dario. **Social morals and ethics of nature: from Peter Kropotkin to Murray Bookchin.** *The International Journal of Inclusive Democracy*, vol.5, n.3, p.1-19, 1999.

PELLETIER, Philippe. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In: **Élisée Reclus e a geografia das liberdades.** São Paulo: Editora Imaginário, 2011, pp.95-124.

WOODCOCK, George et al. **El Príncipe anarquista.** Estudio biográfico de Piotr Kropotkin. Tradução de Jose Manuel Alvarez. Ediciones Jucar, 1978, 418p.

---

**SOBRE O AUTOR**

AMIR EL HAKIM DE PAULA - Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (2011); Coordenador de subprojeto da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

---

Recebido para avaliação em Agosto de 2016

Aprovado para publicação em Setembro de 2016